

Cinco histórias de mar da Galiza e Norte de Portugal

Afurada

As miniaturas dos barcos da vida de Carlos Marques

● Antigamente não havia cais. Não havia nada. Havia um estaleiro na Afurada e uma casa ao lado do estaleiro que tinha um barco salva-vidas. “Quando havia um naufrágio no mar, este barco ia a remos. O da Afurada chegava mais depressa do que o da Foz que, segundo consta, tinha motor.” O barco levava dez, no máximo 12 pessoas. Carlos Marques tem a miniatura no seu “estaleiro” pessoal, na Rua dos Navegantes, Canidelo, Gaia, onde acumula ferramentas, pedaços de contraplacado recortado e projectos, que são embarcações, que fazem parte da sua vida.

Nasceu em Santa Marinha. Tem 73 anos. Começou “isto” quando começou a ir para o estaleiro com 12 anos. Fazia à mão “com a navalha”. “Andava sempre com os barquinhos agarrados a mim. ‘Ele brinca com isto’, dizia o encarregado”. Se a escola era de manhã, à tarde ia para o estaleiro. Se a escola era de tarde, de manhã ia para o estaleiro. “Andei assim até aos 14 anos. E aprendi a arte de carpinteiro”, conta, à medida que vai destacando uma e outra e mais outra mini-embarcação com os detalhes todos, as memórias todas.

Depois, foi para a pesca da sardinha. “Fui para o mar porque quis. Antigamente, na capitania perguntavam se íamos para o mar porque queríamos ou se os pais nos obrigavam. É verdade. Ainda hoje ando no mar.” Anda nos barcos de passageiros no rio Douro – porque quer. “Vejo a malta a jogar às cartas, mas isso não é vida para mim. Isso não presta.”

Andou à sardinha até aos 19 anos. E passou dez anos na pesca do bacalhau (“Gronelândia, Terra Nova...”) no Rio Antuã, que já tinha sido Bissaya

Barreto (devorado por um violento incêndio). Fez disso vida até completar 30 anos “por causa da tropa”. E foi para a Alemanha, onde ficou dez anos. “Depois vim para a pesca. Fui para os Açores, voltei para a pesca e depois vim para o rio.”

Carlos tem a história sabida. Mas perde-se. Para falar de uma data, fala de um barco. Fala da família de raspão. Uma etapa da sua vida corresponde a uma embarcação que está para ali atirada à espera de tempo. “Começo uns e deixo os outros para trás”. Está ali um barco de carga (“andei nele dez anos na Alemanha; estão ali as gruas por encaixar”). E ali o *Mar Eterno*, um barco de pesca que havia na Afurada (“falta montar umas pequenas coisas e pintá-lo de novo”), um arrastão de Viana do Castelo, um zebro (“de quando estive nos Açores a trabalhar”) e um barco americano de rede do cerco (“invenções minhas; todo iluminado, acende tudo de noite”).

“Este”, apresenta, “andei nele”. “Estou a fazer a carreira antiga que servia para sair e entrar na água. Faltam os travessões.”

Trabalhou nos estaleiros do Ouro e nos de Matosinhos. “Barcos grandes nunca fiz, ajudei a fazer.” Fez barcos de seis, sete, nove metros de comprimento. Fez caícas, bateiros... Trabalhavam “dez, vinte homens” na construção de um barco dos grandes. “Antigamente fazia-se um barco em cinco, seis meses e custavam duzen-

Carlos Marques tem 73 anos. Começou a fazer barcos de madeira com 12, quando começou a ir para o estaleiro que havia na Afurada, Gaia

tos contos.” Os dele, constrói-os com tempo e com as próprias mãos. Começa muitos. Completa muitos.

Carlos “nunca estava parado”. “Vi este barco nascer de raiz na Póvoa desde as cavernas e a quilha até ir para a água. *Miguel Alexandre*. Depois de o patrão morrer ainda andei nele uns 12 anos.” Quando em Janeiro os barcos paravam para reparação, ele ia para o estaleiro. “Nunca parei. Ao fim-de-semana os pescadores param e só vão ao domingo para o mar. Mesmo aí, era só chegar a casa, pegar nas ferramentas, meter-me na carrinha e procurar uma embarcação para ajeitar. E lá ia eu. A minha vida é sempre esta.”

Entre os vizinhos, pelas ruas íngremes que vão dar lá baixo à Afurada, há mais oficinas como a dele. “Parecem os estaleiros de Viana”, brinca. Abre-se um portão e sai de lá uma colecção incrível de barcos que ganharam forma nas memórias ou na imaginação de algum lobo-do-mar. “O meu estaleiro é na oficina. Para fazer um barco basta olhar para ele. Normalmente, demoro no máximo 15 dias a fazer uma embarcação.” Fazia tudo em madeira maciça, mas “dava um trabalho escavacar tudo”, por isso passou a usar contraplacado (“a gente brinca com aquilo, é sempre a andar”).

Dentro de casa, protegidos do sol e do pó, tem as suas relíquias a reluzir, aquelas embarcações que não pensa vender nunca. O barco americano do caranguejo (“vi só em fotografia”), o *Porto Expresso* (“barco inglês que estava em Leixões”), o arrastão *Mestre Pedro*, um barco das plataformas de petróleo, o *Helmut* de carga (“neste ia de Setúbal até Paris às fabricas levar madeira para o papel”) e o *Creoula*, navio-escola que tinha sido utilizado nas campanhas de pesca do bacalhau.

A sua arte está no Centro Interpretativo do Património da Afurada e, “enquanto for vivo”, trabalha por gosto as embarcações e os andores em carvalho maciço onde “viaja” a imagem do São Pedro da Afurada (“a subir a rampa da igreja custa um bocado; não é brincadeira nenhuma; é muito pesado e eles queixam-se; eram oito homens, agora são 12”). Ainda há pouco vendeu três barcos “a um moço da Suíça” por dois mil euros. “E foi barato. Normalmente peço por cada barco destes 1500 euros. Mas ninguém dá valor. As pessoas acham muito dinheiro, mas compram um quadro, quatro pineladas, por um balúrdio.”



Póvoa de Varzim

As barracas da praia de A

● Maria da Assunção trouxe de casa uma fotografia em tons de sépia numa moldura prateada como prova rara da longevidade do negócio de família. Lê-se “Joaquim da Hora -banheiro” e em primeiro plano estão dois homens, duas mulheres e quatro crianças. Todos descalços – que a vida desta família passa pelo areal. Eles com boinas, camisas brancas ou aos quadros e calças escuras e compridas aparentemente grossas. Elas com saias compridas brancas ou floridas e blusas a condizer.

Joaquim era avô de Maria da Assunção Hora Cadilhe, que não está na foto de família onde posam os quatro filhos de Joaquim, que já tinha falecido. “Os meus tios é que ficaram com as três concessões dele. Esta era a minha mãe e a minha tia”, aponta Assunção, que não chegou a conhecer os avós. “Eu tenho 59. Já nasci aqui. Por isso, imagine...”

Não há mais datas – ou Assunção não sabe delas. Perderam-se nos álbuns de família e diluíram-se numa ou noutra tragédia de que mais vale nem falar.

O negócio de barracas de praia no areal da Póvoa de Varzim tem hoje a inscrição “Dorinda da Hora”, a falecida mãe de Assunção, que herdou as tarefas e muitas amizades. “Tem o nome dela”, diz, emocionada. “Já está no sangue. É mesmo a nossa praia”, continua numa conversa interrompi-



da aqui e ali por acenos a pessoas amigas que vão descendo a Avenida dos Banhos. “Bom dia dona Assunção!”

Sempre teve “58 barracas em duas filas”, mas a pandemia trocou-lhe as voltas ao desenho. “Tivemos que afastar as barracas.” Ficaram três filas de 13, 17 e 15 barracas – menos pessoas e menos barracas –, esqueleto e encaixes de madeira, pregos na cúpula e um ou outro parafuso nos braços articulados. É tudo desmontado no final da época balnear e as peças do puzzle revistas por um carpinteiro no ano seguinte ou reparadas quando o vento ou os estouros da bola são mais violentos.

